



# **Peter Nestler, um documentarista não reconciliado<sup>1</sup>**

JEAN-MARIE STRAUB



Peter Nestler rodou sete documentários, alguns para a televisão, alguns por conta própria, e pouco a pouco se começa a dizer que é preciso levá-los em consideração. Por que pouco a pouco? Estes filmes não se oferecem aos espectadores cobertos de atrativos superficiais, eles exigem serem vistos com atenção, uma qualidade escassa justamente nos meios que se ocupam de cinema. Filmar documentários é coercitivo. Nunca se tem ocasião de mostrar seu “eu” artístico sob um aspecto favorável, de imprimir no mundo sua marca pessoal de realizador, ou mesmo de cultivar modas: o que conta é só a modéstia face ao que está diante da câmera; e é precisamente nisso que se revela a personalidade do realizador.

Peter Nestler aborda seus filmes sem asserções previamente formuladas, a realidade não é neles manipulada em proveito da intenção – coisa que deveria ser óbvia mas que infelizmente não é. É mais fácil explicar o que são seus filmes partindo daquilo a que ele renuncia. Por quê? O que ele faz? Evidentemente, a coisa mais simples do mundo, e ao mesmo tempo a mais difícil. Ele volta sua câmera para as casas, as ruas, as pessoas. Ele deixa as pessoas falarem, faz escolhas sem comentar; é assim que ele compõe, com fragmentos esparsos, o quadro de uma cidade industrial, de uma paisagem em transformação, de um círculo de trabalhadores. E de modo coerente, diante de nossos olhos, um mundo se forma de novo; vemos o mundo numa nova coerência. Peter Nestler nunca se confina atrás da câmera sem participar, seus filmes são tudo menos frios, mas isto só torna seu olhar mais preciso e inexorável, pois a única coisa que lhe interessa é encontrar estes pontos em que a matéria é mais vulnerável, em que ela pode revelar seu segredo. Porque o autor, justamente, se proíbe toda ingerência direta, o que percebemos atrás destes planos não é a resignação, como se poderia crer de início, mas a acusação que extrai seu *pathos* precisamente do fato de não estar formulada. Assim, a beleza e a poesia mesmas destes filmes não tem nada a ver com a beleza formal das imagens poéticas: são as que irrompem quando a realidade é trazida à luz. Como toda obra de arte, os filmes de Peter Nestler têm uma exigência para com o mundo, para que ele se transforme. Estes filmes são: *Am Siel*, *Aufsätze*, *Mülheim (Ruhr)*, *Rheinstrom*, *Ödenwaldstetten*, *Ein Arbeiterclub in Sheffield*, *Von Griechenland*.<sup>2</sup>

1. “Peter Nestler, un documentariste non réconcilié (traduzido do italiano por Giorgio Passerone e Jeanne Revel). In: Jean-Marie Straub et Danièle Huillet. *Écrits*. Paris: Indépendencia Éditions, 2012, p. 50. (Publicado originalmente, em italiano, em *Gli Irrequieti*, n.1, 1967).

2. Respectivamente, *A Eclusa* (1962), *Redações* (1963), *Mülheim (Ruhr)* (1964), *Sobre o Reno* (1965), *Ödenwaldstetten, um vilarejo muda de rosto* (1964), *Um clube de trabalhadores em Sheffield* (1965), *Da Grécia* (1966). (N.T.)

Tradução de Mateus Araújo e João Dumans